

**ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL****Contos do Deserto: as histórias da tradição oral sufi à luz da Psicologia Analítica  
Tales from the Desert: the stories of the Sufi oral tradition in the light of Analytical Psychology**Raquel Trindade Andrade<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho aborda a temática dos contos de tradição oral, em especial sua função na tradição Sufi. O objetivo é lançar um olhar sobre os chamados contos de ensinamento pela ótica junguiana. O problema levantado é oriundo da seguinte pergunta: Os contos de ensinamento da tradição Sufi podem ser utilizados como recurso terapêutico na perspectiva da Psicologia Analítica? O estudo investiga a questão a partir do quadro teórico e conceitual dessa perspectiva, especificamente em referência às obras de Jung e Von Franz que abordam a temática dos contos de fadas. A referência utilizada não se furta ao diálogo com alguns autores que se relacionam com o campo da arte-educação e com a perspectiva sufista sob a ótica de Idries Shah. Os procedimentos metodológicos utilizados são a pesquisa bibliográfica e documental. Em conclusão, afirma-se que os contos de ensinamento da tradição Sufi são um importante recurso terapêutico, porque possibilitam o que Jung denomina de “função transcendente”. Os símbolos presentes na narrativa podem mediar o diálogo entre o consciente e o inconsciente, podendo proporcionar outros estados de consciência, por meio de uma saída criativa para a problemática pessoal.

**Palavras-chave:** Psicologia Analítica; contos; tradição oral; tradição Sufi; Arteterapia Junguiana.

**Abstract:** This work addresses the theme of tales of oral tradition, in particular their function in the Sufi Tradition. The aim is to look at the so-called teaching tales from a Jungian perspective. The problem raised comes from the following question: can the teaching tales of the Sufi Tradition be used as a therapeutic resource from the perspective of analytical psychology? The study investigates the issue from the theoretical and conceptual framework of Jungian Psychology, specifically in reference to the works of Jung and Von Franz that address the theme of fairy tales. The reference used does not shy away from the dialogue with some authors who are related to the field of art education and the Sufi perspective from the perspective of Idries Shah. The methodological procedures used are bibliographical and documentary research. In conclusion, it is stated that the teaching tales of the Sufi Tradition are an important therapeutic resource, because they enable what Jung calls the

---

<sup>1</sup> Assistente Social, arteterapeuta, escritora. Assistente social pela UERJ; pós graduada em Serviço Social e Saúde; mestre em Políticas Públicas e Formação Humana – PPFH/UERJ; arteterapeuta pelo INCORPORAR-TE; especialista em Psicologia Analítica pelo IJEP. Arteterapeuta filiada à AARJ – 1154/122. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1330592495341775>.

“transcendent function”. The symbols present in the narrative can mediate the dialogue between the conscious and the unconscious, and can provide other states of consciousness, through a creative way out of personal problems.

**Keywords:** Analytical Psychology; tales; oral tradition; Sufi tradition; Jungian Art therapy.

### **Introdução**

Inicialmente, o interesse pela temática se desenvolveu a partir da experiência com os contos de fadas no curso de formação em Arteterapia. Este trabalho é parte da monografia apresentada como pré-requisito para o título de especialista em Psicologia Analítica pelo IJEP. Foi no processo de desenvolvimento do estágio da formação em Arteterapia que ocorreu o contato com os contos da tradição oral de diversas culturas, em especial de origem árabe, oriundos da tradição Sufi e de outros continentes não europeus. O contato com esses contos possibilitou a percepção da diversidade dessas narrativas, do seu potencial simbólico e da sua importância enquanto recurso terapêutico.

Esta experiência se desdobrou em um projeto de grupo arteterapêutico denominado Travessias. O trabalho com os contos como recurso terapêutico, no contexto deste grupo, resultou também neste estudo ampliado sobre a compreensão dos contos de fadas na Psicologia Analítica e sobre os contos de ensinamento na tradição Sufi.

O Sufismo se autodenomina uma forma universal de sabedoria de origem anterior ao Islã, situada em diversos países da Ásia Central, em especial nos países árabes. Os contos de tradição oral, por sua vez, são textos populares característicos da cultura oral e, portanto, surgidos antes da comunicação escrita; enraizados no contexto da oralidade, a forma de comunicar se voltava para a percepção auditiva da mensagem.

Dito isso, o presente artigo aborda a temática dos contos de tradição oral, em especial sua função na tradição Sufi. O objetivo é lançar um olhar sobre os contos de ensinamento nessa tradição pela ótica da Psicologia Analítica.

A relevância do tema se justifica pela importância dos contos de fadas (aqui ampliados com a nomenclatura contos de tradição oral) no arcabouço teórico inaugurado por Jung. Além disso, são recursos fundamentais para o processo terapêutico nessa perspectiva, uma vez que é por meio dos conteúdos arquetípicos presentes nessas narrativas que exploramos não somente o conhecimento das experiências da humanidade contidas nos contos e mitos, mas também os conteúdos simbólicos que refletem as estruturas psíquicas humanas no processo de individuação.

O problema levantado é oriundo da seguinte pergunta: Os contos de ensinamento da tradição Sufi podem ser utilizados como recurso terapêutico segundo a Psicologia Analítica? A hipótese levantada é a de que sim, pois são um valioso material, uma vez que possibilitam

o que Jung denomina de função transcendente. Ou seja, os símbolos contidos nas narrativas podem possibilitar o diálogo entre a consciência e o inconsciente, possibilitando uma ampliação da percepção de si e do mundo.

Dentro do quadro teórico e conceitual da Psicologia Analítica, abordaremos especificamente as obras de Jung e Von Franz que abordam a temática dos contos de fadas. Este trabalho se assenta nessa perspectiva sem se furtar ao diálogo com alguns autores que se relacionam com o campo da arte-educação e com a perspectiva sufista sob a ótica de Idries Shah. Os procedimentos metodológicos utilizados são a pesquisa bibliográfica e documental.

Exposto esta introdução, no primeiro tópico abordaremos os contos de fadas na Psicologia Analítica. Nessa perspectiva, os contos de fadas são considerados manifestações do inconsciente coletivo. Para Jung é onde melhor se pode estudar a anatomia comparada da psique. Nessa direção, veremos como Von Franz desdobra e aprofunda esta temática.

Em seguida, falaremos sobre os contos da tradição oral, cujas histórias pertencem ao mundo arquetípico e possuem narrativas repletas de símbolos. Por esta razão seus temas reaparecem de maneira tão evidente e pura nos contos de países os mais distantes, se apresentando em diferentes formas. Nesta seção, abordaremos os contos de tradição oral por uma perspectiva interdisciplinar no campo teórico daqueles que se debruçam sobre a arte milenar de criar e contar histórias.

Dentro desta temática, abordaremos a função de ensinamento dos contos na tradição Sufi. Na psicologia inaugurada por Jung, os contos de fada narram os muitos caminhos para a individuação. Na cultura árabe, em especial nesta tradição, os contos constituem um dos pilares fundamentais do ensinamento. Falaremos brevemente sobre o sufismo e sobre sua visão a respeito dos contos tradicionais. Ou seja, como e para que os contos são utilizados para transmitir ensinamentos.

Por fim, iremos apresentar a leitura simbólica do conto da tradição Sufi chamado “A Lenda das Areias”. O objetivo desta análise é estabelecer um paralelo entre os conceitos junguianos e as imagens simbólicas presentes na narrativa. O intuito proposto é fazer a leitura simbólica a partir das ferramentas conceituais que Jung nos fornece, compreendendo que se trata de um olhar atravessado por esta perspectiva. Jung afirma que as concepções de cada arquétipo são, na sua essência, um fator psíquico desconhecido. E, assim, o estudo é finalizado com considerações finais.

Os contos de fada interessam para a Psicologia Analítica como material fundamental de expressão do inconsciente coletivo. Para compreendermos o embasamento dessa concepção, recorreremos aos principais conceitos da teoria junguiana. Carl Gustav Jung construiu sua teoria a partir da observação clínica de pacientes com esquizofrenia, da sua própria experiência interior, e do árduo estudo sobre mitologia, arqueologia, contos de fada,

sonhos, religião, psicologia, psiquiatria e outras áreas. Foi a partir de suas observações e seus estudos que ele apreendeu a manifestação do inconsciente presente nas mais diversas expressões humanas.

Experenciamos, por meio dos nossos sonhos, a produção de imagens pela energia psíquica. Todas as noites vivenciamos imagens que carregam histórias, ainda que construídas em uma relação espaço-tempo diferente da consciência humana, elas nos contam algo sobre o nosso universo interno. Essas imagens, ao longo da história humana, romperam a fronteira do sonho, palco onde as cenas se desenrolam, para povoar outras histórias, narrativas simbólicas sobre experiências dos povos ancestrais no mundo inteiro.

### **Método**

Os procedimentos metodológicos utilizados são a pesquisa bibliográfica e documental. Além disso, utilizamos a técnica de análise simbólica de um conto de tradição oral, tendo como base as análises empreendidas por Von Franz.

### **Os contos de fadas na Psicologia Junguiana**

Na Psicologia Analítica, os contos de fadas são considerados manifestações do inconsciente coletivo. Jung afirma que é onde “melhor se pode estudar a ‘anatomia comparada da psique’” (VON FRANZ, 1990, p. 25). Além disso, para ele, nos mitos e nos contos de fadas, como no sonho, “...a alma fala de si mesma e os arquétipos se revelam em sua combinação natural, como formação, transformação, eterna recriação do sentido eterno” (JUNG, OC. Vol. IX, p. 218).

O autor e, posteriormente, Von Franz afirmam que nos mitos há uma grande quantidade de material cultural, “mas nos contos de fada existe um material consciente culturalmente muito menos específico e, conseqüentemente, eles oferecem uma imagem mais clara das estruturas psíquicas” (VON FRANZ, M.L., 1990, p. 9). Para Von Franz, os chamados contos de fadas são a expressão mais pura e simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Sendo assim, o seu uso para a investigação do inconsciente é superior a qualquer outro material. A autora ainda afirma que os contos são histórias arquetípicas que se originam, frequentemente, nas experiências individuais através da irrupção de algum conteúdo inconsciente, que podem surgir em sonhos ou alucinações em estado de vigília (VON FRANZ, M.L. 1990). Ou seja, o conto se origina da experiência numinosa advinda da irrupção de algum conteúdo arquetípico.

Os eventos psíquicos que originam os contos são, na verdade, apenas um, que é um fator desconhecido que se manifesta de diversas maneiras, originando diferentes narrativas. Esse fator desconhecido é o que o Jung chama de “*SELF*, que é a totalidade psíquica de um indivíduo e, paradoxalmente, o centro regulador do inconsciente coletivo” (VON FRANZ,

1990, p. 10, grifo do autor). A manifestação desse centro regulador é tão complexa, difícil e distante do entendimento, que diversos “contos e milhares de versões (como variações musicais), são necessários até que esse fato desconhecido penetre na consciência, sem que isso consiga exaurir o tema” (VON FRANZ, 1990, p. 10).

Sobre o uso dos contos na psicologia e na clínica junguiana, Von Franz alerta que a interpretação é importante assim como a análise dos sonhos, contudo, o conto, tal como o sonho, é por si só sua melhor explicação. Ou seja, a interpretação de um conto ou mito é o nosso próprio mito, ela ocorre de acordo com o nosso estado atual. Para a autora:

Podemos propor a hipótese de que cada conto de fada é um sistema relativamente fechado, composto por um significado psicológico essencial, expresso numa série de figuras e eventos simbólicos, sendo desvendável através destes. (Ibid., p. 10)

Quanto aos elementos dos contos de fadas, Von Franz (1990) faz uma importante análise sobre o papel de herói ou heroína. Segundo a autora, a **função do herói** nos mitos e nos contos de fadas, é de representar o melhor comportamento na situação narrada, ou seja, aquele que está em “harmonia com a totalidade do ser humano” (Ibid., p. 31). Nesse sentido, serve de referência para o ego.

É importante destacar que, para a autora, o herói não pode ser comparado ao ego em si, diferentemente, essas figuras apresentam muitas características do arquétipo denominado por Jung por Self, cuja função seria manter a atividade autorreguladora do todo. Sendo assim, o herói ou a heroína dos contos de fadas é um modelo para o ego saudável, aquele que funciona como expressão da estrutura global da personalidade. Nas palavras da autora:

O herói e a heroína representam modelos para um funcionamento do ego em harmonia com a totalidade da psique. Existem modelos para o ego saudável, um complexo do ego que não perturba a estrutura global da personalidade, mas que normalmente funciona como seu órgão de expressão. (Ibid., p. 29)

Sobre as suas características, a autora cita Lüthi que concluiu que o herói dos contos de fada é “muito menos humano” que aqueles de que falam os mitos. Como o conteúdo consciente culturalmente é muito menos específico do que aqueles das mitologias e das sagas locais, nos contos o herói é uma figura abstrata, tem reações estereotipadas e é esquemático. Neste aspecto, Franz tende a concordar com Lüthi:

É muito provável que a afirmação de Lüthi esteja certa: os contos de fada são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma toca mais diretamente as pessoas (VON FRANZ, 1990, p. 30).

Nessa direção, no herói dos contos de fadas não há a dimensão humana da dúvida, do sofrimento ou da fraqueza e seria impossível encontrar algo como uma conversão psicológica ou uma mudança de atitude, o que geralmente é observado nos mitos.

Mas essa não é a única peculiaridade dos contos de fadas. Von Franz também diferencia os contos de fadas das sagas locais e das lendas históricas. A autora afirma que essas últimas se baseiam em “eventos reais que foram vivenciados e depois desfiados e ampliados até se converterem numa história, e passou a ser recontada durante um longo período de tempo” (VON FRANZ, 2021, p.17).

Para Franz (1990), sagas locais são narrativas com raízes, ou seja, o evento está fixado em determinado território, em um acontecimento local. Seria uma forma simbólica de traduzir uma vivência em determinada região a partir de uma experiência individual ou coletiva. A saga local é derivada de sonhos ou experiências de invasão do inconsciente sob o estado de vigília ou ainda eventos parapsicológicos. Algo de sobrenatural acontece em determinado local e é necessário contar de alguma forma.

Seguindo este pensamento, a priori, tudo que é individual ou local não está presente nos contos de fadas, restando somente a estrutura universal da psique. Contudo, destacamos que a mesma autora fez uma ressalva importante:

... terei de voltar a essa teoria e modificá-la mais adiante, pois os contos de fadas não estão inteiramente purificados de fatores específicos. Se compararmos tais contos, veremos que, embora existam certas semelhanças (...) a estrutura da história é muito diferente no conto de fadas de um indígena norte-americano e no de um europeu, ainda que os nomes e os lugares sejam eliminados. (VON FRANZ, 2021, p.18)

Nesta breve passagem Von Franz afirma que os contos não estão inteiramente isentos de elementos específicos que constituem as culturas. Acreditamos que este seja um aspecto relevante para compreendermos a multiplicidade dos contos da tradição oral. Em alguns contos<sup>2</sup> observamos que se trata de uma narrativa estruturada a partir da atuação do Self, aspecto autorregulador da psique. No entanto, em outros, há presença de resquícios do enraizamento local, como nome e lugar de origem do personagem principal, há também a presença da emoção e do sentimento do herói.

Sabemos que tais características, à luz da classificação que Von Franz faz, seriam consideradas como uma saga local. Dentro de um estudo inicial, levantamos como possibilidade de que contos assim apresentem as estruturas arquetípicas básicas com menor simplicidade do que os chamados contos de fadas clássicos. Contudo, as estruturas psíquicas estão lá e são passíveis de identificação e análise, bem como de utilização no campo clínico.

Trata-se de um campo vasto, que, como destaca Silveira (1985), os mais diversos contos descrevem o mesmo tema, sob múltiplas variações. Narram o mesmo acontecimento

---

<sup>2</sup> Podemos citar como exemplo o conto “O Vendedor de Sonhos”, conto mexicano, o conto “Ela Que Está Só”, conto da etnia comanche e temos também o conto “O Sonho de Ismar”, conto árabe. Em ambos o herói tem um nome e reside em determinado povoado ou cidade relacionados à origem do conto. Não há a presença de elementos fantásticos e os personagens são aqueles comuns à realidade local. O herói manifesta sofrimento e vulnerabilidade e não se apresenta de forma sobre-humana.

fundamental, isto é, a busca da totalidade psíquica. Os diferentes contos dão ênfase maior ou menor às diversas etapas desse processo em constante desdobramento. Como nos diz Von Franz (2021), o fato de existirem muitas possibilidades, só nos mostra a dificuldade da tarefa.

### **Contar e recontar: os contos de tradição oral**

“Um conto, fictício ou não, ilumina a verdade”

(RUMI)

Conforme explicitamos no tópico anterior, os contos de fada têm origem nas camadas profundas do inconsciente, comuns à psique de todos os humanos. Pertencem ao mundo arquetípico e possuem narrativas repletas de símbolos. Por esta razão seus temas reaparecem de maneira tão evidente e pura nos contos de países os mais distantes, em épocas as mais diferentes, com um mínimo de variações. Este é o motivo pelo qual os contos de fada interessam à Psicologia Analítica (SILVEIRA, 1985).

Sobre a antiguidade dos contos, há pesquisadores modernos que pesquisam contos de 4000 anos, gravados “pelos babilônios, hititas, cananeus, e mesmo alguns afirmam haver encontrado vestígios de certos temas ainda hoje preservados em histórias, que remontam a 25000 anos antes de Cristo” (SILVEIRA, 1985, p. 127-128).

O termo fadas<sup>3</sup> surge do folclore europeu ocidental. Eram imagens de entidades fantásticas, características da atmosfera mágica céltico-bretã. Nos estudos sobre os contos, os contos de fadas são chamados de contos maravilhosos, justamente por se aproximarem de uma linguagem onírica e mágica. Nesses estudos observamos também outras classificações sobre os contos, tais como as fábulas, lendas, sagas, epopéias, contos etiológicos, dentre outros (MATOS & SORSY, 2013).

No tópico a seguir abordaremos os contos de tradição oral por uma perspectiva interdisciplinar no campo teórico daqueles que se debruçam sobre a arte milenar de criar e contar histórias.

### **Da Experiência ao Conto: um percurso ancestral**

Os contos de tradição oral são contos populares característicos da cultura oral e, portanto, surgidos antes da comunicação escrita. Enraizados no contexto da oralidade, a forma de comunicar se voltava para a percepção auditiva da mensagem. Segundo Matos & Sorsy (2013), esse tipo de narrativa, também conhecida como contos tradicionais, parece encontrar sua origem nos mitos primitivos, que “por muitos séculos orientaram os homens em sua busca de conhecimento do cosmo e de si mesmos. Resultam da produção coletiva

---

<sup>3</sup> Referência: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Contos\\_de\\_fadas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Contos_de_fadas).

de um povo que os cria a partir das representações de seu imaginário” (MATOS; SORSY, 2013, p. 2).

Nas culturas orais a memória tem um papel central de armazenamento das experiências vivenciadas pelo grupo. Essa memória é o que constitui a identidade cultural de determinado povo. E os guardiões das memórias são os anciões. São os velhos os detentores da memória ancestral que resguarda a identidade do grupo. Por esta razão, essas culturas costumam ser mais conservadoras e resistir às mudanças que possam colocar a preservação dessa memória em risco.

A identidade confere o sentido de pertencimento a cada indivíduo, o que assegura a coesão e a sobrevivência dos valores adquiridos pelos ancestrais. Originários de tempos remotos, o conteúdo dos contos de tradição oral é carregado de imagens arquetípicas. Como explicita Matos & Sorsy:

Quanto ao conto literário, enraizado na cultura escrita, ele se estrutura de outra forma. Seu valor estético encontra-se, portanto, em outros aspectos. Diferentemente do conto popular, no qual a função dos personagens é socialmente determinada (o rei, o príncipe, o velho, o sábio, o tolo...) e as imagens exploradas são sempre arquetípicas, no conto literário os personagens são descritos em relação a sua própria individualidade (...). (MATOS; SORSY, 2013, p. 4).

Walter Benjamin (1985) atribui à experiência o ato de narrar. Ele desenvolve sua reflexão a respeito do narrador, ou seja, aquele que conta a história de forma orgânica e afetiva. Para ele é a experiência que dá origem à necessidade e ao ato de narrar. A narrativa é, antes de tudo, uma forma artesanal de comunicação e seu objetivo não é transmitir uma informação pura, como a de um relatório, mas sim mergulhar na própria história, para depois dela se retirar “assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1985, p. 205).

Nesse sentido, a matéria do narrador é a vida humana para a qual existe uma relação artesanal, uma vez que “o narrador assume à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer” (Ibid., p. 221). Os provérbios ainda sobrevivem e circulam entre nós e seriam as ruínas da antiga tradição de contar histórias.

Para Benjamin, a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. Um grande narrador precisa ter a plasticidade de percorrer a experiência inscrita na história. Para o autor, são características comuns daqueles que narram histórias:

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens - é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo e nem um impedimento. (BENJAMIN, 1985, p. 215)

Os contos de tradição oral, nas palavras de Idries Shah é “o único fenômeno cultural considerado propriedade de todos os povos do mundo, não pertencendo, grosso modo, a ninguém” (GRILLO, 2012). Neste aspecto também concorda Von Franz, quando afirma que esta universalidade se justifica em razão de os contos de fada estarem além das “diferenças culturais e raciais, podendo assim migrar facilmente de um país para outro. A linguagem dos contos de fada parece ser a linguagem internacional de toda a espécie humana – de idades, raças e culturas” (VON FRANZ, 1990, p. 20).

Os contos de tradição oral são resultado do processo de aprimoramento da linguagem que possibilitou contar a experiência para o outro. Segundo Tolkien (2006), “o desenvolvimento da narrativa, do ato de narrar, é tão intimamente conectado à linguagem e à experiência humana que dificilmente podemos olhar uma estando separada da outra (apud GRILLO, 2012, p. 118). É interessante notar que o contrário também ocorreu, ou seja, a necessidade ou o desejo humano em contar algo que aconteceu, também contribuiu para o aprimoramento da linguagem.

Podemos neste aspecto suscitar uma reflexão: se a psique humana contém e expressa o inconsciente coletivo, é a necessidade de comunicar para outra pessoa que lhe possibilita a recriação de narrativas. Podemos pensar do seguinte modo: o sonho contém uma narrativa, mas ao contá-lo para um outro ele vai ganhando tons corporal e inteligibilidade para que haja a possibilidade do testemunho e da memória. Ou seja, eu possibilito o diálogo com a consciência. E este diálogo é mediado por um outro, que, ao ouvir a história, ganha com ela a companhia do narrador. Logo, já não estão mais sós, o narrador e o ouvinte.

Benjamin (1985) chama atenção para o declínio da arte narrativa a partir da modernidade. Dentre as razões que o autor aponta, destacamos a ascensão da informação como matéria da comunicação em detrimento da experiência. A informação alimenta-se da novidade e logo perde o sentido. Ela se acumula, mas não provoca um acontecimento em quem conta e ouve, ou seja, não produz um afeto, um sentido.

Para ele, a informação só tem valor enquanto é nova e precisa ser inteiramente explicada. Muito diferente da arte narrativa, porque esta não se entrega, não se explica, ela pode ser contada muitas vezes, desaparecer e reaparecer de tempos em tempos e, ainda assim, conserva sua capacidade de atração.

Interessante este último aspecto estabelecer um paralelo entre o que o autor chama de conservação da força da verdadeira narrativa com o aspecto numinoso que emana da função transcendente dos símbolos presentes nos contos. Na perspectiva junguiana, estas narrativas se conservam, porque podem estabelecer o diálogo entre consciente e inconsciente.

Muitas tradições e culturas antigas preservam o uso dos contos de tradição oral. Os contos na tradição Sufi, que abordaremos no tópico a seguir, ganham um contorno diferente, na medida em que, além de serem expressões simbólicas da experiência psíquica, são utilizados como recurso deliberado para o ensinamento do conhecimento sutil sobre o que os sufistas denominam ser as camadas da experiência humana.

### **Contos de Ensino: a função dos contos na tradição Sufi**

Na Psicologia Analítica, os contos de fada narram os muitos caminhos para a individuação, ou seja, para a integração das polaridades psíquicas rumo à personalidade total, à totalização do ser. Na cultura árabe, em especial na tradição Sulfi de conhecimento, os contos constituem um dos pilares fundamentais do ensinamento.

Idries Shah foi um grande estudioso da tradição Sufi e pesquisador dos contos de tradição oral, compilando centenas deles, a maioria situada na Ásia Central, de onde origina sua família, no Afeganistão (GRILLO, 2012). O pesquisador é oriundo de uma família tradicional dentro do sufismo e dedicou sua vida ao estudo sobre seus ensinamentos. Em livros e artigos Shah, apresentou o Sufismo como uma forma universal de sabedoria de origem anterior ao Islã. Enfatizando o fato de que o Sufismo é uma forma de ensinamento que sempre se adapta ao tempo, ao lugar e às pessoas, ele o apresentou em termos psicológicos ocidentais.

Para abordagem do tema, utilizaremos os estudos de Grillo (2012) porque a autora fez um importante trabalho de tradução de obras inéditas de Shah em português. Por ora, nos atentaremos neste trabalho à função de ensinar atribuídas aos contos e não à história do Sufismo ou mesmo aspectos relacionados à cultura ou à espiritualidade. Apresentamos este recorte para elucidar a multiplicidade das narrativas quando falamos da tradição oral e, também, para traçar um paralelo, mais adiante, entre os conceitos da psicologia junguiana e os contos da tradição Sufi<sup>4</sup>.

Sobre os Sufis, destacamos a definição de Idries Shah:

Os sufis são uma antiga maçonaria espiritual cujas origens nunca foram traçadas nem datadas; nem eles mesmos se interessam muito por esse tipo de pesquisa, contentando-se em mostrar a ocorrência da sua maneira de pensar em diferentes regiões e períodos. Conquanto sejam, de ordinário, erroneamente tomados por uma seita muçulmana, os sufis sentem-se à vontade em todas as religiões: exatamente como os “pedreiros-livres e

---

<sup>4</sup> Neste item precisamos destacar que Shah rechaça quaisquer tentativas de interpretação psicológica do sufismo pelo Ocidente, mesmo que seja pela psicologia junguiana. Nas palavras do autor: O sufismo não pode ser estudado através da psicologia por uma série de razões, a mais interessante das quais, para o ocidental, será provavelmente a de ser o próprio sufismo um sistema psicológico muito mais adiantado do que qualquer outro já desenvolvido no Ocidente. Nem essa psicologia é essencialmente oriental, mas humana. É desnecessário afirmar esse fato sem comprovação. Mencione-se a confissão de Jung de que a psicanálise ocidental é apenas a de um principiante em confronto com a do Oriente: “A própria psicanálise e as linhas de pensamento a que dá origem — sem dúvida um desenvolvimento caracteristicamente ocidental — não passam de uma tentativa de principiante comparada com o que é uma arte imemorial no Oriente.” (SHAH, 1993, p.78-79)

aceitos”, abrem diante de si, em sua loja, qualquer livro sagrado — seja a Bíblia, seja o Corão, seja a Torá — aceito pelo Estado temporal. Se chamam ao islamismo a “casca” do sufismo, é porque o sufismo, para eles, constitui o ensino secreto dentro de todas as religiões”. (SHAH, 1993, p. 78)

A filosofia sufista é uma doutrina secreta que se originou na Pérsia, no século VIII, e era praticada, principalmente, por religiosos muçulmanos. Eles empregavam um sofisticado e complexo sistema de simbolismos para comunicar-se com Deus, através do êxtase e da contemplação. Ao longo dos tempos, em contato com outros povos e outras culturas, o sufismo sofreu constantes adaptações, assumindo múltiplas formas, o que o torna uma filosofia moderna e atual (SHAH, 2015). “Os sufis, de *per si*, são conhecidos aos milhares, por todo o Oriente. Encontram-se aldeamentos de sufis nas terras dos árabes, dos turcos, dos persas, dos afeganes, dos indianos, dos malaios”. (SHAH, 2015, não paginado).

No sufismo, os contos são ferramentas para o ensinamento acerca da sua filosofia. O processo de aprender e ensinar se dá por meio do pensamento analógico. Trata-se de um método de ensinamento indireto em que o conhecimento literal é deliberadamente transposto para o figurativo, “e o sequencial para o holístico” (SHAH, 2014, p. 11).

Os contos de tradição oral são, portanto, a estrutura analógica dos ensinamentos ancestrais do sufismo. O filho de Idries Shah, Thair Shah escreveu um romance autobiográfico chamado *Nas Noites Árabes*: uma caravana de histórias, em que narra sua busca pelo conto da sua vida, ou seja, aquele conto em que a sua trajetória está simbolizada. Para explicar o pensamento de seu pai a respeito dos contos, ele narra uma metáfora utilizada pelo mesmo:

O gelo é água, mas numa forma diferente, explicou. Para transformá-lo em água – de modo que possamos sugá-lo facilmente -, precisamos mudar sua forma. A água é o conhecimento, Tahir Jan, e a esponja é a sua mente. Quando ouvimos informações, um monte delas”, prosseguiu, “às vezes é muito difícil assimilá-las. É como gelo. Nós as escutamos do mesmo modo que a esponja toca o balde de gelo, mas elas não penetram. Agora, assim que você derrete o gelo, a água entra fundo no meio da esponja. E é isso que as histórias fazem”. (SHAH, 2009, p. 303)

Ou seja, por meio dos contos, a mensagem pode penetrar o interior do homem de um modo que pela razão não seria possível. Desta forma, a mensagem pode ser diluída e se tornar penetrável. Seguindo este sentido, podemos observar a finalidade que eles atribuem as chamadas histórias de Nasrudin:

Os sufis, que acreditam que a intuição profunda é o único guia verdadeiro para o conhecimento, adotam essas histórias praticamente como exercícios. Eles pedem às pessoas que escolham algumas que particularmente lhes atraem e as revolvam na mente, apropriando-se delas. Os mestres instrutores dos dervixes dizem que dessa maneira pode-se avançar em direção a uma sabedoria superior. Mas os sufis concordam com aqueles que não seguem uma via mística, ao dizerem que todos podem fazer com as histórias de Nasrudin aquilo que as pessoas vêm fazendo ao longo dos séculos: desfrutá-las. (SHAH, 2011, p. 12)

Em síntese, as histórias são ferramentas para serem usadas pelo ser humano em seu processo de desenvolvimento. Os sufis acreditam que o pensamento racional é limitado e que desemboca em confusões que não levam para um entendimento superior. Eles pregam o entendimento por meio da linguagem simbólica e imprimem nos contos essa percepção. Para eles, o verdadeiro aprendizado é aquele baseado na experiência, na sabedoria aplicada aos desafios cotidianos. Os seguidores desta tradição afirmam que seus textos não podem ser compreendidos na forma literal e necessitam de uma capacidade intuitiva (SHAH, 1993).

Nessa perspectiva, os contos possuem várias camadas e seu estudo consiste em esgotar todos os aspectos e pontos de vistas contidos nos contos. Os mestres ensinam, geralmente em grupos, a partir da parte do conto que cada um vê e daquelas que não são percebidas (SHAH, 2014). Os sufis acreditam que os contos se revelam na medida que a pessoa está preparada e em condições adequadas para percebê-las.

Sobre as metáforas que são utilizadas, Shah define o conceito de símbolo: “O símbolo — roupagem que o espiritual toma emprestada ao plano material — é uma forma de expressão artística. Ou seja, não é literal, mas sugestivo, conquanto o artista que o usou possa, às vezes, perder de vista a distinção (SHAH, 1993, p. 67).

Shah (1993) exemplifica como os sábios da tradição trabalham as histórias. É interessante notar o ambiente ritualístico para contar e ouvir as histórias. É neste ambiente que o mestre suscita reflexões sobre o conto, com o intuito de que os ouvintes o sintam inteiramente:

Com o que equivale a uma tática de choque, o Mathnawi se inicia com um ensinamento, depois do célebre “Canto do caniço”, que lembra um conto de fadas a respeito de um príncipe que saiu à caça e uma bela jovem. Quando se instala a audiência, disposta a apreciar a história convencional, Rumi principia a manipulá-la para criar reflexões na mente e combater a tendência ao “sono”, sufisticamente considerada a reação usual às histórias populares (...).

Diz Hadrat-i-Paghman acerca dessa história: “Refleta nela, pois, a menos que a sinta inteiramente, você será como a criancinha que deseja tudo a tempo e chora quando as coisas não lhe parecem assim. Construirá uma prisão para si mesmo, uma prisão de emoção. E, quando estiver nessa prisão, ferir-se-á nas barras pontudas que você mesmo terá arranjado para si” (Ibid., p. 74).

Sentir e saber escutar são dois elementos constantemente abordados ao longo da obra de Shah. O autor destaca que o método de ensinamento do sufismo é de assimilação e não de estudo. “As histórias, enquanto um organismo, e corretamente utilizadas, oferecem um caminho extraordinário para outra forma de pensar e de ser” (SHAH, 2014, p. 148). Assim, diz Shah “os contos nos dão a noção de que cada coisa tem seu tempo apropriado e correto para acontecer” (apud GRILLO, 2012, p. 126). Por isso, é importante se demorar no conto e lê-lo mais de uma vez.

No livro *Nas Noites Árabes*, Tahir Shah, ao questionar sobre como encontrar a história do seu coração precisou aprender a ouvir histórias. No seu percurso de busca, o seu amigo Abdul Malik o aconselha a observar como uma criança, “você precisa apreciar sem preconceitos (...) só assim estará pronto para receber” (SHAH, 2009, p. 63).

Para Shah, as pessoas interessadas em histórias precisam saber que as suas camadas não se revelam de imediato, e variam com o tempo, as condições e a nossa experiência. Tahir Shah relata que uma vez seu pai contou uma história muito estranha. Ao terminar de ler, perguntou ao filho se ele tinha entendido a história e gostado dela. Ignorando que o filho aparentava não haver compreendido, disse:

Guarde-a com você. Com o passar do tempo, vai perceber que ela muda dentro de você”. “Como ela vai mudar, Baba?” “Ela vai estar aí, crescendo em silêncio. Um dia você vai perceber que ela fez algo maravilhoso” “O que ela vai fazer, Baba?” Ela vai dar frutos. (2009, p. 34)

Os contos da tradição oral Sufi, ainda que explicitamente destinados ao ensinamento do conhecimento tradicional, revelam, em suas narrativas, a riqueza simbólica dos conteúdos psíquicos e do processo de desenvolvimento da personalidade humana, como enfatiza SHAH (2014) os contos servem de ilustração de como as pessoas realmente são.

O aprendizado sufista por meio das histórias precisa basicamente de três pilares: tempo para ouvir e voltar a ouvir, amadurecimento para a integração do conteúdo e a inspiração revelada pela intuição. Trata-se de um processo de desenvolvimento humano, que ocorre em especial por meio dos contos, e é resultado de muitos “pequenos impactos e percepções se encaixando e produzindo *insights* quando o indivíduo está pronto para eles” (SHAH, 2014, p. 5). A seguir, observaremos como um conto da tradição oral Sufi ilustra um ensinamento, ao passo que olharemos seus aspectos simbólicos sob a lente junguiana.

### **Contos da Tradição Oral Sufi à Luz da Psicologia Analítica**

“Sob a linguagem do poeta jaz a chave do tesouro”  
(Nizami)

Neste último tópico iremos apresentar a leitura simbólica do conto da tradição Sufi chamado “A Lenda das Areias”<sup>5</sup>. O objetivo desta análise é estabelecer um paralelo entre os conceitos junguianos e as imagens simbólicas presentes na narrativa. De antemão, queremos fazer uma ressalva importante: não se trata de enquadrar a narrativa Sufi em conceitos pré-estabelecidos, como Idries Shah (1993) nos alerta a respeito do comportamento acadêmico ocidental. Nem tão pouco de psicologizar a narrativa, que segundo a tradição, precisa ser experienciada, sentida e assimilada.

<sup>5</sup> Este conto pode ser encontrado em: GRILLO, N. (org.). *As Histórias da Tradição Sufi*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1996.

O intuito proposto é fazer a leitura simbólica a partir das ferramentas conceituais que Jung nos fornece, compreendendo que se trata de um olhar atravessado por esta perspectiva. Jung mesmo nos diz que as concepções de cada arquétipo são na sua essência um fator psíquico *desconhecido* (grifos do autor). Indo de encontro a este pensamento, Von Franz afirma que “o conto de fada é, em si mesmo, a sua melhor explicação” (VON FRANZ, 1990, p. 9).

Ou seja, na Psicologia Analítica, o que podemos fazer é circunscrever as imagens arquetípicas, exatamente como se faz com os sonhos. “O significado está contido na totalidade dos temas que ligam o fio da história”. (Ibid., p 9-10), contudo “a interpretação é um escurecimento da luz original que brilha no próprio mito” (Ibid., p 46). Então, por que interpretamos? Pela mesma razão que alguém busca o significado do seu sonho. Assim, podemos compreender um conto como um sonho coletivo e ainda assim nos perguntar, “Mas o que este conto quer dizer para mim?”. Na prática clínica, analisar um conto e saber qual é o seu tema arquetípico é fundamental para oferecer ao paciente de acordo com a sua necessidade, ou dele receber para poder juntos desdobrar durante o processo psicoterapêutico.

Von Franz (1990) utiliza como metáfora para explicar a origem de um conto de fadas, a imagem de uma pessoa que teve uma visão ou experiência original impactante e quer compartilhar. Como aquela experiência nunca havia sido explicada antes em termos conceituais, para traduzi-la é necessário utilizar metáforas, por meio de analogia com aquilo que é familiar, para poder ser compreensível aos ouvintes.

Na tradição Sufi, segundo Shah (1993), a narrativa por meio da linguagem simbólica é apropriada por esta tradição que a utiliza como uma ferramenta de comunicação do sensível, daquilo que não pode ser assimilado por meio da razão.

### **O conto “A Lenda das Areias”**

Vindo desde as suas origens nas distantes montanhas e após passar por inúmeros acidentes de terreno nas regiões campestres, um rio finalmente alcançou as areias do deserto. E do mesmo modo como vencera as outras barreiras o rio tentou atravessar esta agora, mas se deu conta de que mal suas águas tocavam na areia, desapareciam.

Estava convicto, no entanto, de que fazia parte de seu destino cruzar aquele deserto, embora não conseguisse fazê-lo. Então uma voz misteriosa, saída do próprio deserto arenoso, sussurrou:

— O vento cruza o deserto, o mesmo pode fazer o rio.

O rio objetou que se arremessava contra as areias, e era absorvido, enquanto o vento podia voar, conseguindo dessa maneira atravessar o deserto.

— Arrojando-se com violência como você vem fazendo, não vai conseguir. Assim você vai desaparecer ou se transformar num pântano. Você deve permitir que o vento o conduza a seu destino.

— Mas como isso pode acontecer?

— Consentindo ser absorvido pelo vento.

Essa sugestão não era aceitável para o rio. Porque ele nunca fora absorvido. Não desejava perder sua individualidade. Uma vez a tendo perdido, como saber se a recuperaria mais tarde?

— O vento desempenha essa função – disseram as areias. – Eleva a água, a conduz sobre o deserto e depois deixa ela cair. Caindo na forma de chuva, a água novamente se converte num rio.

— Como posso saber se isso é verdade?

— Pois assim é, e se você não acredita não se tornará outra coisa senão num pântano, e ainda isto levaria muitos e muitos anos; e um pântano não é certamente a mesma coisa que um rio.

— Mas não posso continuar sendo o mesmo rio que agora?

— Você não pode, em caso algum, permanecer assim – retrucou a voz. – Sua parte essencial é transportada e forma um rio novamente. Você é chamado assim ainda hoje por não saber qual é a sua parte essencial.

Ao ouvir tais palavras, certos ecos começaram a ressoar nos pensamentos mais profundos do rio. Recordou vagamente um estágio em que ele, ou uma parte dele, não sabia qual, foi transportada nos braços do vento. Também se lembrou, ou lhe pareceu assim, de que era isso o que devia fazer, ainda que não fosse a coisa mais natural.

Então o rio elevou seus vapores nos acolhedores braços do vento, que suave e facilmente o conduziu para o alto e para bem longe, deixando-o cair suavemente tão logo tinham alcançado o topo de uma montanha, milhas e milhas mais longe. E porque o rio teve as suas dúvidas, ele pôde recordar e gravar com mais firmeza em sua mente os detalhes daquela sua experiência. E ponderou:

— Agora eu conheço a minha verdadeira identidade.

O rio fazia seu aprendizado, mas as areias sussurraram:

— Nós temos o conhecimento porque vemos essa operação ocorrer dia após dia, e porque nós, as areias, nos estendemos por todo o caminho que vai desde as margens do rio até a montanha.

E é por isso que se diz que o caminho pelo qual o rio da vida tem de seguir em sua travessia está escrito nas areias.

### **Análise simbólica do Conto**

No conto “A Lenda das Areias”, não há o “era uma vez” e nem uma esfera de ambientação em algum reino mágico. Essa ambientação possivelmente se dá no clima ritualístico em que são contados os contos. Ainda assim, o conto é atemporal, a primeira frase do conto, “vindo desde suas origens”, nos remete a um tempo intangível.

Pareceu-nos perceptível que o conto tem por objetivo ser uma metáfora de ensinamento. Observemos que o conto narra a trajetória de um rio que precisa atravessar um deserto. Ao se deparar com o deserto, o rio é absorvido pela areia. Neste aspecto se apresenta o problema da história. Até aqui observamos que a história não tem personagens humanos, o que poderia caracterizar, na leitura junguiana, uma simbologia de um impulso mais primitivo. Nota-se que o rio vem desde suas origens, ou seja, desde seu nascimento, em um impulso de vida e sobrevivência que lhe permitiu percorrer um determinado percurso.

Chegando no deserto, apresenta-se o problema da história. Não é possível atravessá-lo. “E do mesmo modo como vencera as outras barreiras o rio tentou atravessar esta agora”. O impulso primitivo de vida estava condicionado a vencer as barreiras. Contudo, ao se deparar com o deserto, “vencer”, que talvez possa ser lido como lutar contra, não funcionou mais.

O deserto absorve o rio. Absorver pode ser lido como desaparecer com o rio. O ego, centro da consciência, que vinha no seu impulso mais primário, atravessar o rio com força, perde o seu controle sobre a vida. O deserto é absoluto. Neste ínterim se desenrola a peripeteia do conto, segundo Franz (1990) são os altos e baixos da história.

Podemos refletir sobre a função do deserto na narrativa, uma vez que a psicologia junguiana busca compreender a finalidade, o sentido dos acontecimentos vividos para o processo de individuação. Nesse sentido, podemos pensar que a função do deserto é provocar a mudança de atitude no rio. Ou seja, somente a partir de um obstáculo intransponível que o rio pode considerar a mensagem do vento. Assim, o deserto pode representar um aspecto do Self, ou seja, a função autorreguladora da totalidade da psique.

Jung aponta que uma das funções do Self é impulsionar a individuação do ego por meio de obstáculos. Para autorregular a psique e retirá-la de um estado de inércia, é necessário que haja aceleração da energia psíquica ou um obstáculo que a impulsiona para outra direção. Ainda que ponderássemos o deserto como sendo representativo das dificuldades da vida, ou seja, as experiências (aqui não estamos nos referindo a uma condição social estrutural) que torna a vida árida, com pouca vida, o símbolo presente na narrativa traz uma importante orientação, possibilita a assimilação de um sentido para o obstáculo.

Neste momento da narrativa, surge outro personagem, o vento que diz “O vento cruza o deserto, o mesmo pode fazer o rio”. O elemento ar tem um movimento ascensional e, portanto, pode ser associado à função psíquica da intuição. O vento que envia uma

mensagem superior, que chega dos céus, para auxiliar o rio, nos leva para algo que transcende a realidade concreta.

O livro *Psicologia e Alquimia*, Jung (OC. Vol. XII) fala sobre as operações alquímicas. Podemos fazer uma associação entre o vento do conto com o processo de *sublimatio*, termo que vem do latim “*sublimis*” e quer dizer “elevado”. É uma operação que pertence ao elemento ar e simbolicamente fala do processo ascendente de transformação. Aquilo que antes era inferior, terreno, é elevado aos céus (o corpo que se torna espírito). Nesse sentido, a *sublimatio* é, psicologicamente, o processo de elevação de experiências concretas e pessoais a um nível de entendimento superior, a uma visão mais ampla a respeito da totalidade da vida.

É neste momento do diálogo entre o rio e o vento que inaugura o que Von Franz irá chamar de clímax da história. O vento é uma espécie de voz superior, que conhece o desafio do rio a partir de uma perspectiva mais ampliada. Ele observa “de cima” todo esse processo de sublimação do rio acontecer inúmeras vezes. Precisamos ouvir “essa voz interior” que está além da estagnação dos nossos desertos. As areias concordam com o que diz o vento, mostrando que o deserto não é um aspecto negativo da psique.

Mas o rio insiste em não perder a sua individualidade. Ele sente medo diante da necessidade em ser absorvido pelo rio e parece querer algum tipo de garantia de que o vento e as areias estão certos quando dizem que ele precisa ser absorvido pelo vento para atravessar o deserto. Diz o vento: “Você não pode, em caso algum, permanecer assim – retrucou a voz. – Sua parte essencial é transportada e forma um rio novamente. Você é chamado assim ainda hoje por não saber qual é a sua parte essencial”.

Do ponto de vista psicológico, podemos ler a cena descrita acima como a resistência do ego diante da ameaça da perda do seu controle, ou da sua ilusão de controle, sobre o curso da vida. Se ele continuar sendo o mesmo acabará, depois de anos de repetição do mesmo movimento, na inércia psíquica, que pode estar associada à imagem do mangue, pois no mangue a água certamente não tem fluidez.

O rio, aqui interpretado como o ego, centro da consciência, precisa renunciar ao controle rígido e à atitude unilateral. Ou seja, a consciência precisa ouvir o inconsciente (a voz superior) e dialogar com ela, aceitando sua sublimação. É interessante notar a preocupação do rio com a sua identidade, enquanto o vento lhe diz que ele manterá a sua parte essencial ao se converter em rio novamente, e se lembrará de quem é. Ao final do processo de sublimação e condensação do rio, ele diz que agora sabe qual é a sua verdadeira identidade.

Podemos associar a identidade inicial à persona, a parte de nós que nos adapta ao mundo externo e que é muitas vezes vivida como se fosse o “eu”. E a verdadeira identidade ao final da narrativa, em uma personalidade mais integrada, com uma percepção de “eu”

mais profunda, uma vez que o rio foi sublimado e convertido em um novo. Ele abandonou seu padrão de funcionamento rígido e unilateralizante. Poderíamos também dizer, de forma análoga, que o rio – ego – integrou a estagnação- aspecto sombrio.

Esta cena final, onde é narrada a descoberta de uma verdadeira identidade, nos parece importante do ponto de vista psicológico, já que para Jung (OC. Vol. XII) a *sublimatio* levada a extremos, pode acarretar a dissociação do ego, já que a capacidade de dissociação da psique é tanto a fonte da consciência do ego quanto a causa da doença mental.

O rio volta em forma de chuva. A chuva geralmente é associada a fertilidade que dá início a um novo ciclo de vida na terra. E é assim que o rio, a energia psíquica que dá movimento à vida, volta a fluir, agora com uma capacidade de compreensão maior e uma consciência mais ampliada. Com a passagem “E é por isso que se diz que o caminho pelo qual o rio da vida tem de seguir em sua travessia está escrito nas areias”, a narrativa traz a pessoa de volta ao “mundo concreto e consciente”. Agora, de volta ao momento presente, podemos repensar nossas travessias e desertos.

### **Considerações finais**

O presente trabalho investigou contos de tradição oral, tendo como recorte sua expressão na tradição Sufi. Na perspectiva junguiana, os contos podem ser considerados narrativas advindas de uma experiência gerada pelo contato com algum conteúdo arquetípico. Além disso, são conhecimentos baseados na experiência e que são relatados oralmente de geração a geração, assumindo diversas formas e temas por todo o mundo.

De fato, uma experiência pessoal significativa não carece da novidade do conteúdo informativo, ela pode ser contada e recontada inúmeras vezes, sem que com isso perca seu poder de atração. É por isso que os contos de tradição oral até hoje exercem o fascínio de diversos campos de pesquisa acadêmica e ainda estão vivos no cotidiano de muitas culturas.

O tema foi analisado sob a ótica da Psicologia Analítica clássica. Nessa perspectiva é importante partir do conceito de inconsciente coletivo e de arquétipo para apresentar os contos de tradição oral, enquanto expressão simbólica da estrutura básica da psique. Ou seja, uma expressão de como o arquétipo do Self impulsiona a psique para o processo de individuação, por meio da autorregulação de suas partes.

Na tradição Sufi, pudemos observar que a linguagem analógica foi apropriada culturalmente como meio de comunicação do sensível, ou seja, do conhecimento advindo de uma consciência universal e que não pode ser apreendido racionalmente. Do contrário, precisa ser vivido, experienciado, sentido.

Na Psicologia Analítica, Jung e Von Franz afirmam que o conto surge do processo de descrever, por meio de imagens que são familiares, algum acontecimento que é indescritível

por ser uma experiência original, nunca definida conceitualmente pelo narrador. Para a tradição Sufi, tal processo é utilizado de forma deliberada, consciente, mística e espiritual.

Ou seja, os contos são conscientemente utilizados como ferramenta para transmitir o conhecimento adquirido pelos ancestrais da tradição. Os Sufis usam histórias de ensinamento como uma maneira de transmitir ideias de forma mais palatável ao entendimento das pessoas. Nas referências utilizadas, o método sufi é comparado com um pêssego, cuja polpa deliciosa da fruta é necessária para possibilitar que a semente seja passada adiante e, assim, ser plantada, germinada e criar raízes nas pessoas.

Nos estudos sobre o sufismo observamos a afirmação de que o pensamento racional não é capaz de assimilar a ideia transmitida pelo conto. Neste aspecto, podemos concordar com base em Jung, uma vez que para haver a compreensão dos símbolos, a estrutura do pensamento precisa ser outra do usualmente aceito na cultura ocidental, é o que Jung denomina de pensamento fantasia<sup>6</sup>.

No conto analisado, “A Lenda das Areias”, nos pareceu perceptível que o conto tem por objetivo uma metáfora de ensinamento. Observamos como o conto pode falar a respeito do movimento do Self impulsionando o ego rígido a aceitar a perda de sua visão unilateral, com a finalidade de proporcionar um olhar sobre sua trajetória através de uma perspectiva mais ampla, aceitando a voz do vento, ou seja, do espírito.

São inúmeras as possibilidades de aproximação entre a tradição Sufi, seus contos e os conceitos da psicologia junguiana. Por ora, em razão das limitações deste estudo, vamos nos ater à função de ensinamento dos contos. Contar e recontar histórias vem sendo abordado por eles há séculos como meio de ensinamento da tradição, educação dos jovens, desenvolvimento pessoal e espiritual.

Tanto na tradição Sufi quanto na psicologia junguiana observamos que apenas refletir sobre um conto, interpretá-lo, ainda que utilizando os conceitos adequados, não é necessariamente vivenciá-los. No campo da arte-educação, afirma-se que o contato com os contos e o efeito que resulta desse encontro é mais importante que o seu conteúdo. Vimos que Jung nos fala da função transcendente, como esse resultado transformador promovido pelo símbolo, que evoca o contato do inconsciente com o consciente capaz de proporcionar a integração das polaridades opostas.

Ora, a história é um elo entre inconsciente coletivo e a consciência. E não é somente nas comunidades antigas que essa linguagem se apresenta com maior capacidade de penetrar a alma humana. Assim também atua a clínica na perspectiva junguiana, seja na arteterapia ou na clínica na sua forma mais clássica, uma vez que o terapeuta precisa

---

<sup>6</sup> Para Jung, o pensamento dirigido se destina à adaptação externa, ele é um instrumento da cultura e tem a finalidade de comunicar um fato tal como ele é, já o pensamento fantasia se aproxima da linguagem dos sonhos, das crianças e dos povos originários. Ele fala por meio de metáforas, por imagens e se move por razões interiores.

compreender a linguagem simbólica do inconsciente e sua manifestação nos conflitos pessoais do paciente. Como afirma Von Franz, os contos de tradição oral continuam sendo o melhor recurso para apreender a estrutura psíquica. Nesse sentido, tanto na clínica quanto no ateliê arteterapêutico, são apresentados como um material de linguagem universal e de grande importância que pode ser oferecido como recurso terapêutico mediante a necessidade do indivíduo.

Consideramos, por fim, que interessa para clínica junguiana as premissas do sufismo sobre o uso dos contos: saber ouvir, tempo e condições adequadas para o amadurecimento do conteúdo e a inspiração revelada pela intuição. Além disso, lembramos que Shah fala que o verdadeiro narrador é aquele que experienciou a história, ou seja, aquele que pode contá-la de dentro e não apenas colá-la para fora. Este é, sem dúvida, um desafio para o psicoterapeuta, conhecer os seus recursos internos para poder experienciar a história e, a partir dela, poder facilitar o encontro do paciente com a sua própria história.

Com relação à hipótese investigada, o presente estudo concluiu pela sua confirmação. Dessa forma, afirmamos que os contos de ensinamento da tradição Sufi são um importante recurso terapêutico, porque possibilitam o que Jung denomina de “função transcendente”. Os símbolos presentes na narrativa podem proporcionar o diálogo entre o consciente e o inconsciente, podendo proporcionar outros estados de consciência, por meio de uma saída criativa para a problemática pessoal.

**Data de recebimento:** 28.12.2022

**Data primeiro aceite:** 27.03.2023

**Data segundo aceite:** 17.04.2023

### **Referências Bibliográficas**

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GRILLO, J. **O Rio Atravessa o Deserto:** Considerações sobre o conto tradicional e a aprendizagem na Escola de Arte Granada. Dissertação (Mestrado em Comunicações e Artes) - Universidade de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** OC. Vol IX/I. Petrópolis, RJ: Vozes.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e Alquimia.** Vol. XII. Petrópolis, RJ: Vozes.

MATOS, G. A. & SORSY, I. **O Ofício do Contador de Histórias.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SHAH, I. **Os Sufis.** 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

\_\_\_\_\_. **As façanhas do incomparável Mulá Nasrudin.** Rio de Janeiro: Roça Nova, 2011.

\_\_\_\_\_. **Um Escorpião Perfumado:** o caminho para o caminho. Rio de Janeiro: Roça Nova, 2014.

SHAH, T. **Noites Árabes:** uma Caravana de Histórias. Rio de Janeiro: Roça Nova, 2009.

SILVEIRA, N. **Jung:** vida e obra. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

VON FRANZ, M. L. **A Interpretação dos Contos de Fadas.** São Paulo: Edições Paulinas, 1990.;

\_\_\_\_\_. **O Significado Psicológico dos Motivos de Redenção nos Contos de Fadas:** um estudo arquetípico sobre conflitos e problemas de relacionamentos. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.